

ANTES SÓ DO QUE MAL ACOMPANHADO: A VINGANÇA COMO FACE DO HORROR NOS CONTOS “SE VOCÊ NÃO FOR, SERÁ PIOR” E “AOS PEDAÇOS”, DE SINARA FOSS*

JULIA D’AURIA ANTUNIASSI**

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Londrina, PR, Brasil.


LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO***


Universidade Estadual de Londrina (UEL), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Londrina, PR, Brasil.

Recebido em: 5 ago. 2023. Aprovado em: 2 out. 2023.

Como citar este artigo: ANTUNIASSI, J. D.; CARVALHO, L. M. da SILVA de. Antes só do que mal acompanhado: a vingança como face do horror nos contos “Se você não for, será pior” e “Aos pedaços”, de Sinara Foss. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 3, p. 106-122, set./dez. 2023. DOI 10.5935/cadernosletras.v23n3p106-122

* Este artigo é resultado das discussões levantadas na disciplina “Representações do insólito na literatura latino-americana”, inserida no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL), bem como das discussões dos debates engendrados no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “Iluminuras do insólito na literatura latino-americana dos séculos XIX e XX”, da mesma instituição.

** E-mail: julia.dauria.antuniassi@uel.br
 <https://orcid.org/0009-0009-3028-9451>

*** E-mail: lucas.matheus.silva@uel.br
 <https://orcid.org/0000-0002-2799-3255>

Resumo

Este trabalho analisa os contos “Se você não for, será pior” e “Aos pedaços” do livro *Plural de fêmeas*, de Sinara Foss (2021), uma autora contemporânea de contos fantásticos e de terror. O estudo se concentra em elementos insólitos que evidenciam o horror como forma de denúncia social. A autora habilmente aborda a temática da vingança, inserindo situações de violência extrema que provocam repulsa e aflição. O estudo se baseia em teorias que relacionam o horror como crítica social. Essas narrativas destacam o protagonismo feminino na sociedade e na ficção, tanto na autoria quanto nas personagens.

Palavras-chave

Narrativa contística. Horror social. Protagonismo feminino.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a mulher e sua voz foram silenciadas ou apagadas da história e, conseqüentemente, da literatura. Há ainda o fato de que as mulheres foram ensinadas a ser dependentes física, financeira e psicologicamente de um homem. Foram ensinadas que seus corpos, suas vidas e liberdades pertenciam aos homens, sendo eles quem decidiam quem elas seriam, o que vestiriam e como se portariam.

Com as conquistas feministas, essa ideia caiu, a sociedade avançou, e até o espaço acadêmico e intelectual, antes restrito ao âmbito masculino, passou a ser ocupado não só por mulheres, mas por pessoas diversas. As conquistas sociais alcançadas acabaram por modificar também as representações literárias. Dessa forma, na contemporaneidade, o protagonismo feminino se mostra em ascensão, com as mulheres conquistando o mundo ficcional, seja como autoras ou personagens de suas obras, sendo frequente a reverberação do fato de que as mulheres não precisam dos homens para viver.

A partir de tais considerações, este artigo tem o objetivo de analisar e refletir como se configura a representação do horror, como uma vertente do insólito, em dois contos selecionados de autoria feminina contemporânea, em que se fazem presentes protagonistas femininas, atravessadas pelas amarras patriarcais. As narrativas são “Se você não for, será pior” e “Aos pedaços”,

retirado do livro *Plural de fêmeas*, publicado em 2021, de Sinara Foss – autora contemporânea de contos fantásticos e de terror.

Por fim, gostaríamos de esclarecer que este artigo está dividido em duas partes. A primeira versa sobre preceitos teóricos do insólito ficcional na contemporaneidade e do horror social; e a segunda, sobre a análise dos contos (“Se você não for, será pior” e “Aos pedaços”) de Sinara Foss, em diálogo com as características insólitas e de horror.

ESTUDOS DO INSÓLITO CONTEMPORÂNEO E DO HORROR SOCIAL

Representações do insólito contemporâneo

O termo insólito pode ser considerado um imbróglio terminológico por conta das inúmeras definições e sentidos possíveis a essa categoria narrativa. Flavio García (2022), professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e membro do Grupo de Trabalho “Vertentes do Insólito Ficcional” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), traz uma definição possível para esse termo no *Dicionário digital do insólito ficcional*:

O vocábulo insólito, formado por derivação prefixal a partir de sólito, o qual significa, em linhas gerais, usado, habitual, costumeiro, frequente, ocorre nas línguas neolatinas tanto como adjetivo, quanto como substantivo, denotando, negativamente, além dos sentidos opostos àqueles expressos por sua construção afirmativa, extraordinário, raro, singular, incomum, estranho, que não se espera, etc.

Podemos depreender, portanto, que insólito pode significar aquilo que é incomum, inusitado, inquietante, extraordinário, anormal etc. No âmbito literário, o insólito se manifesta em inúmeras vertentes, como o fantástico, o maravilhoso, o realismo mágico, a ficção científica, o gótico, o horror/terror, o realismo animista, o afrofuturismo, entre outros. Como parte das características em comum presentes nas narrativas insólitas, temos: ambiguidade, mistério, medo, inquietação, encantamento, curiosidade e fascínio. Desse modo, é válido ressaltar que o insólito possibilita reflexões sobre diversos assuntos,

levando os leitores a se conscientizar de temáticas transgressoras e de natureza crítica. Alguns temas recorrentes são atemporais, como as dualidades amor/ódio e vida/morte, inveja, saudade, vingança, medo etc. Outros temas se relacionam mais diretamente com as agruras da sociedade, como guerras, ditaduras, LGBTQIA+fobia, feminicídio, machismo, crimes hediondos etc. É por conta dessa verossimilhança que os leitores do insólito se sentem tão atraídos e envolvidos com as narrativas, principalmente as contísticas, por serem breves, intensas e potentes.

Para discutirmos acerca do insólito contemporâneo e suas representações, é necessário retroceder e recordar as ideias preconizadas pelo teórico e linguista Tzvetan Todorov, o responsável por sistematizar o fantástico como gênero narrativo. Segundo o autor, em sua obra *Introdução à literatura fantástica*, a frase “Cheguei quase a acreditar” (Todorov, 2004, p. 36) é a principal fórmula para que uma narrativa se enquadre nesse gênero, pois o fantástico tem como característica fundamental a hesitação do leitor/personagem ante as situações que lhe são apresentadas. Consoante a explicação do autor,

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos. O fantástico ocorre nessa incerteza (Todorov, 2004, p. 30-31).

Em seu estudo, Todorov (2004, p. 174-175) assinala que a literatura fantástica teve “uma vida relativamente breve” e que encontrou no século XIX “os últimos exemplos esteticamente satisfatórios do gênero”. Depreende-se dessa afirmação que o autor foi categórico ao dizer que as obras fantásticas se limitaram aos séculos XVIII e XIX. No entanto, Todorov (2004, p. 176) aponta que “desta morte, deste suicídio, surgiu uma nova literatura”, ou seja, as produções fantásticas dos anos vindouros apresentaram mudanças na forma de relatar o sobrenatural. Este passa a ser naturalizado, e os fatos extraordinários, que antes causavam espanto, não assustam mais.

Diversos teóricos se propuseram a estudar o fantástico em narrativas pertencentes aos séculos XX e XXI. Entre eles, ficaremos com as contribuições do crítico argentino Jaime Alazraki e do crítico espanhol David Roas, uma vez que ambos apresentam abordagens teóricas para o fantástico/insólito contemporâneo.

No ensaio “¿Qué es lo neofantástico?”, incluído na antologia *Teorías de lo fantástico*, publicada por Roas, o crítico Jaime Alazraki (2001) propõe uma nova abordagem para o fantástico contemporâneo, chamado por ele de neofantástico. Alazraki (2001) defende que os eventos sobrenaturais em narrativas contemporâneas não causam necessariamente medo ou calafrios, mas sim perplexidade e inquietação, isto é, há uma nova forma de como os personagens e os leitores lidam com o surgimento do insólito num cenário aparentemente normal. Para o crítico argentino, estamos lidando com uma segunda realidade, cujas fronteiras entre o irreal e o real são tênues, e as verdades deixam de existir:

[...] se o fantástico assume a solidez do mundo real – embora para “poder melhor devastá-lo”, como dizia Caillois –, o neofantástico assume o mundo real como uma máscara, como uma capa que esconde uma segunda realidade que é a verdadeira destinatária da narração neofantástica. [...] Quanto à intenção, o esforço do conto fantástico em provocar medo no leitor, terror no qual seus pressupostos lógicos tropeçam, não ocorre no conto neofantástico. [...] Uma perplexidade ou preocupação, sim, pelo inusitado das situações narradas (Alazraki, 2001, p. 276-277, tradução nossa).¹

Já para David Roas (2014), professor e crítico literário espanhol, uma obra é fantástica não pela hesitação, tal como propõe Todorov (2004), nem pelo surgimento de uma segunda realidade, como defende Alazraki (2001). De acordo com Roas (2014), o fantástico contemporâneo traz eventos sobrenaturais instaurados no cotidiano para refletir a realidade instável, caótica e inexplicável em que vivemos. Ou seja, o sobrenatural é posto desde o início e de forma naturalizada, revelando a estranheza do nosso mundo. Em seu livro *A ameaça do fantástico*, Roas (2014, p. 67) reúne diversos artigos, visando fazer

1 “[...] si lo fantástico asume la solidez del mundo real – aunque para “poder mejor devastarlo”, como decía Caillois –, lo neofantástico asume el mundo real como una máscara, como un tapujo que oculta una segunda realidad que es el verdadero destinatario de la narración neofantástica. [...] En lo que toca a la intención, el empeño del relato fantástico dirigido a provocar un miedo en el lector, un terror durante el cual trastabilan sus supuestos lógicos, no se da en el cuento neofantástico. [...] Una perplejidad o inquietud sí, por lo insólito de las situaciones narradas.”

um apanhado geral sobre os principais traços da narrativa fantástica, e traz reflexões sobre uma nova maneira de se cultivar o gênero: “o que caracteriza o fantástico contemporâneo é a irrupção do anormal em um mundo aparentemente normal, mas não para demonstrar a evidência do sobrenatural e sim para postular a possível anormalidade da realidade”.

Para a análise dos contos selecionados, utilizaremos os pressupostos teóricos de Alzraki (2001) e Roas (2014) no que diz respeito à presença do insólito contemporâneo em ambas as narrativas, visto que são apresentadas situações cotidianas atravessadas pela violência extrema causada pela misoginia e pelo machismo intrínsecos na sociedade, além de mostrar como o sentimento de vingança pode ser satisfatoriamente recompensador, como também pode trazer consequências nefastas aos envolvidos.

O horror como crítica social

Como visto anteriormente, o horror pode ser considerado uma das vertentes do insólito ficcional. Atualmente, diversos autores enveredam pela vertente do horror em suas narrativas, visando não apenas causar sensação de medo, nojo, aversão ou incômodo, mas também suscitar questões sociais, culturais e políticas que muitas vezes são consideradas tabus na sociedade. Nos estudos teóricos a respeito do tema, é válida a tentativa de diferenciar o horror do terror. Em nossa análise dos contos “Se você não for, será pior” e “Aos pedaços”, será de suma importância ter em mente a diferenciação entre ambos os termos. Para isso, recorreremos ao *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, que traz o significado de horror como “1) sentimento de nojo, aversão, ódio. 2) sentimento de profundo incômodo ou receio; medo, pavor. 3) crueldade, macabrisimo” (Houaiss; Villar, 2004, p. 393) e terror como “1) medo intenso, pavor. 2) o que inspira esse medo. 3) aspecto amedrontador” (Houaiss; Villar, 2004, p. 716).

É possível perceber, então, que algumas das definições se aproximam, como os termos “medo” e “pavor”, porém ao horror são acrescentadas acepções de repulsa, nojo, aversão, incômodo etc. Marlos Gonçalves Terêncio (2013, p. 68), em sua tese intitulada *O horror e o outro: um estudo psicanalítico sobre a angústia sob o prisma do Unheimlich freudiano*, tece considerações sobre esses dois termos, ao afirmar que:

No horror [...] as personagens são confrontadas com a violência bruta da dissolução física ou psicológica, explicitamente abalando as normas assumidas da vida cotidiana por meio de consequências chocantes ou revoltosas. Assim, enquanto o terror explora o indizível, o que inquieta e se oculta, o horror sangra, causa repugnância, nojo e pavor. O terror é a incerteza, a expectativa ansiosa de esperar pelo que vem depois do corredor escuro. Já o horror revela ao homem o que se esconde, expondo à luz o monstruoso.

O estudioso do horror Noël Carroll publicou a obra *A filosofia do horror ou paradoxos do coração* no ano de 1999, em que ele explica sua própria teoria sobre esse gênero e ao longo dos quatro capítulos tenta entender por que os leitores/telespectadores se sentem tão atraídos por obras que causam medo, aflição e aversão. Durante sua análise, Carroll (1999) demonstra como o horror está presente em diversas artes, como a literatura, o cinema, a pintura etc., e cita autores tradicionais como H. P. Lovecraft e Edgar Allan Poe, além de autores contemporâneos como Stephen King e Clive Barker.

De acordo com Carroll (1999, p. 259), “a história de horror é explicitamente dirigida pela curiosidade. Ela envolve o público tratando de processos de desvelamento, descobrimento, prova, explicação, hipótese e confirmação”. Isto é, a atração do público pelas histórias de horror provém de uma curiosidade natural do homem, pois os leitores/telespectadores se interessam em conhecer e experimentar o medo com uma relativa segurança, uma vez que estão lidando com a ficção.

Outro aspecto presente na obra de Carroll (1999), que julgamos muito importante para a análise posterior dos contos selecionados, é o fato de o horror estar ligado às questões sociais, utilizado como forma de crítica ou denúncia. Segundo o autor,

Observa-se com frequência que os ciclos de horror surgem em épocas de tensão social e que o gênero é um meio pelo qual as angústias de uma era podem se expressar. Não é de surpreender que o gênero do horror seja útil nesse aspecto, pois sua especialidade é o medo e a angústia. O que provavelmente acontece em certas circunstâncias históricas é que o gênero do horror é capaz de incorporar ou assimilar angústias sociais genéricas em sua iconografia de medo e aflição (Carroll, 1999, p. 290).

Assim, depreende-se que o horror e a violência caminham juntos, oferecendo retratos sangrentos e repulsivos da nossa realidade, e representando

uma “extrema fúria infligida ao corpo humano, o qual é queimado, explodido, quebrado e rasgado; desmembrado e dissecado; é devorado de dentro para fora” (Carroll, 1999, p. 295).

A fim de complementarmos o aporte teórico sobre o horror na literatura, é válido citar as considerações do professor Júlio França (UERJ) a respeito da expressão “horror do corpo”, possível tradução para *body horror*, uma vertente do horror cinematográfico que surgiu nas últimas décadas do século XX. Para França (2018), o horror do corpo não está ligado necessariamente a algo sobrenatural, como cadáveres que voltam à vida, mas sim ao nosso próprio corpo e como situações insólitas e angustiantes podem acontecer com ele. Nas palavras do professor pesquisador, temos o seguinte:

[...] as narrativas que exploram o horror do corpo valem-se, em menor ou maior escala, da violência gráfica, isto é, da descrição detalhada e realística de cenas e atos brutais – um procedimento artístico que se tornou recorrente em diversos produtos culturais nas últimas décadas (França, 2018, p. 876).

Já no artigo intitulado “De perseguidas a fatais: personagens femininas, sexo e horror na literatura do medo brasileira”, França e Silva (2016) analisam a presença do arquétipo da *femme fatale* em narrativas de horror e como houve uma transformação no papel das personagens femininas ao longo do tempo. De acordo com os autores,

Ao contrário da donzela perseguida – frágil e preocupada com sua pureza –, a *femme fatale* representa um perigo exatamente por sua independência e determinação [...]. Ao transgredir as normas sociais, que historicamente pregaram uma sexualidade feminina comedida e controlada, tal figura se apresenta como uma tentação e uma ameaça ao homem. Capaz de levá-lo ao êxtase, mas também ao esgotamento e à morte, ela foi, diversas vezes, identificada literariamente com o próprio Diabo (França; Silva, 2016, p. 57).

Tendo como base esse arcabouço teórico que versa sobre o insólito ficcional e o horror, partiremos para uma análise pormenorizada dos contos “Se você não for, será pior” e “Aos pedaços”, da autora brasileira Sinara Foss. Ambas as narrativas permeiam a temática da vingança levada ao extremo e trazem à tona o protagonismo feminino, juntamente com elementos do horror como forma de denúncia e crítica social.

HORROR SOCIAL EM RELEVO: A PRESENÇA DA VINGANÇA NOS CONTOS DE SINARA FOSS

A segunda parte deste artigo se inicia com uma breve apresentação da autora do livro *Plural de fêmeas*, que contém 19 contos, dos quais dois foram selecionados para análise neste trabalho. *Plural de fêmeas*, de Sinara Foss (2021), está dividido em quatro seções temáticas, sendo elas: “Vingança, um prato temperado”, “Zelo de mãe”, “Na busca de um sentido para tudo” e “Torturas silenciadas”. Por fim, passamos à análise de cada uma das narrativas escolhidas, quais sejam: “Se você não for, será pior” e “Aos pedaços”. Esperamos, dessa forma, oferecer subsídios aos leitores deste artigo tanto para ler as narrativas insólitas com maior profundidade como para identificar a presença do horror como elemento construtivo das narrativas em questão, pelo viés do insólito ficcional.

Sinara Foss: uma mulher plural!

Sinara Gislene Foss, mais conhecida por Sinara Foss, nasceu no interior do município de Santo Antônio da Patrulha, no Rio Grande do Sul. Atua como professora, escritora e tradutora. É graduada em Letras – Tradutor e Intérprete: Inglês e Alemão pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), especialista em Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) e mestra em Letras, com ênfase em literaturas de língua inglesa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Possui sua própria escola de idiomas, chamada English Place, localizada em Santo Antônio da Patrulha. Além de proprietária da escola, Sinara é professora. Quanto às suas produções literárias, seu primeiro livro publicado foi *Memórias de um cachorro velho* (1996). É autora de uma série de livros que possuem uma linha mais social, em que Foss se dedica à causa animal.

Como uma mulher de seu tempo, Foss interessa-se pelos problemas do ser humano contemporâneo, e sua literatura aparece como forma de expressar esses conflitos. Atualmente, seu foco está em produções contísticas que são insólitas e contêm fortes marcas de terror e horror. Em seu livro *Plural de fêmeas*, a autora explora essas características do horror em cada um dos

contos por meio do protagonismo feminino. Possui contos publicados em coleções e coleções, como *De tudo um conto* (2022), *Dia das bruxas* (2022), respectivamente. Há ainda diversos contos publicados em formato *e-book* Kindle, pela plataforma Amazon, tais como: “Gólgota: pequenos pesadelos” (2021), “Massacre” (2022), “Gato Preto enredado em pernas bambas: amores macabros” (2022) e outros.

Considerando os aspectos profissionais de Sinara, pudemos constatar que, de modo geral, seu trabalho é plural, assim como sua formação acadêmica, porque contempla língua e literatura, reforçando nosso pensamento de que ambas são indissociáveis.

Análise do conto “Se você não for, será pior”

Analisaremos a seguir o conto “Se você não for, será pior”, de Sinara Foss (2021). Ao pensarmos no título do conto, já percebemos que ele antecipa a temática a ser abordada, remetendo-se à vingança. Mesmo com essa antecipação, o título produz no leitor a curiosidade e deixa o convite para que o desbrave e descubra a história a ser contada.

A narrativa em questão é a segunda do livro e está presente na primeira seção temática “Vingança, um prato temperado”. Nesse breve conto, assim como em todos os outros da antologia, temos uma mulher como protagonista, e a história é ambientada em uma cidade fictícia, chamada Vinha d’Alho. Sara, a esposa, é a protagonista, e Gláucio, seu marido, o antagonista. Há também Isabella, a filha do casal. A representação dessa família reflete a típica família patriarcal, chefiada pelo patriarca (o homem), ou seja, o pai, ao qual cabe a responsabilidade de sustentar a casa e cuidar da segurança da esposa e da filha.

Narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente, o conto apresenta a preponderância do tempo presente e conta a história da personagem Sara, descortinando a horrível misoginia presente no imaginário sociocultural da sociedade de Vinha d’Alho. Além disso, as cenas descritas são cenas que poderiam ocorrer até mesmo no cotidiano do leitor, com exceção do desfecho sangrento e insólito, em que a esposa subverte o alvo das agressões.

No início da narrativa, o narrador retrata aos leitores, por meio da descrição, sensações sinestésicas que vão revelando o estado emotivo da protagonista, que se apresenta abalada com o fato de o marido passar a chegar cada dia

mais tarde em casa: “O vazio zomba que a cama de casal é só dela. O lençol esticado *enruga quando o ódio das suas mãos o comprime quase a rasgá-lo*. A cada dia, *Gláucio chega mais tarde*” (Foss, 2021, p. 15, grifos nossos). Sara já não se deprime mais com essa situação.

Adiante, a história mostra como o privilégio masculino blindava Gláucio do julgamento social em relação à traição e coloca Sara como alvo a ser julgado pela sociedade. O marido teve um filho fora do casamento, e os burburinhos se espalhavam por todos os lados: “Comentavam, em rodinhas, que *o que corria nas veias dela era sangue de barata*. Sentindo-se nada, Sara pediu a Gláucio que saísse de casa, que fosse, de uma vez, morar com a outra” (Foss, 2021, p. 15, grifo nosso), porém seu marido recusava-se a sair de casa, alegando que não ficaria longe de Isabella, a filha do casal.

Com a separação negada pelo marido, que não deixou de traí-la, assim como não deixou de dormir na mesma cama e residir em sua casa, Sara vasculha suas memórias buscando indícios, no começo do relacionamento, que poderiam ter previsto sua atual infelicidade. Como engravidou antes do matrimônio, ela e seu namorado foram obrigados a cumprir com os costumes locais, casando-se o mais rápido possível. Logo ela, que idealizava o amor, sonhava ter “uma família, a mesa cheia nos almoços de domingo. Um confiando no outro” (Foss, 2021, p. 16), estava sendo traída.

Vivendo completamente o oposto do que outrora sonhara, em alta madrugada, Sara levanta-se para beber água e vai até a cozinha. Ouve o portão eletrônico de sua casa se arrastar, “larga o copo dentro da pia e abre a gaveta de talheres. [...] Imagina-se torcendo uma faca fincada no peito [...]” (Foss, 2021, p. 17) de seu marido, que ela supõe acabar de chegar. Nesse momento em que a protagonista se imagina fincando uma faca no peito de seu algoz, podemos perceber a presença de seu humor tenebroso, manifesto também em outro momento. Vejamos:

- Ué, caiu da cama? – Uma pequena mudança no olhar dele ocorre quando vê a faca de carnes na mão dela.
- Quando você vai embora? – *Ela desliza o dedo sob a lâmina suavemente e o fio quase lhe corta a pele.*
- Já conversamos sobre isso. Não fico sem Isabella.
- [...]
- *Você tem que ir, não aguento mais.* – *Ele permanece em silêncio, enquanto Sara vira o rosto de um lado depois do outro, em câmera lenta, para admirar a lâmina.*

– *Vai se matar, é?* – *A gargalhada que ecoa pela casa é o combustível que alimenta a sua vingança.* Com postura muito ereta, Gláucio caminha por detrás dela em direção ao quarto de dormir (Foss, 2021, p. 17, grifos nossos).

A gargalhada do marido é a gota d’água. Sara, que já não suportava mais aquela união, resolve esperar o marido dormir para então vingar-se dele. É exatamente nesse momento que o acontecimento insólito se instaura e, por meio da figura feminina representada, produz o horror, ao infringir as ordens culturais que a oprimia, passando a ser a opressora e subvertendo o “alvo” das agressões.

Meia hora mais tarde, [...] aproxima-se e para entre a cama e a parede. Observa Gláucio, deitado de barriga para cima, com as pernas afastadas, roncando, a boca entreaberta.

Enfia a faca na lateral da cueca e, sem encostar nele o material frio, corta o tecido fino. [...] Sara espera o sono adorná-lo outra vez e *alha, com nojo, o órgão desleal.* Num gesto rápido pega o membro flácido, puxa-o e, com um golpe certeiro, *corta-o pela base.* Ao sair, Sara observa o marido contorcer-se de dor com as mãos na genitália mutilada, vê a *parede e a cômoda respingadas de vermelho.* Sorri enquanto o horror o domina (Foss, 2021, p. 17, grifos nossos).

Nesse sentido, questões de gênero e sexualidade estão na superfície desse conto e nos revelam que a sociedade cobra, vigia, pune e violenta a figura feminina, demonstrando que a vida da mulher não tem valor. É por isso que Sara toma as rédeas de sua situação, porque ela discorda dessa ideia, e coloca o marido no lugar que ela ocupava, o de vida sem valor. Por fim, com o membro do seu marido mutilado, ela o larga “na pia de mármore sobre a tábua de cortar carne e *pica-o em vários pedaços. Joga tudo na lixeira* enquanto escuta os gritos incrédulos e desesperados que vêm do quarto” (Foss, 2021, p. 18, grifos nossos).

Em suma, além das questões mencionadas anteriormente, percebemos a presença do horror no humor da protagonista; na mutilação que ela comete contra o maior símbolo do sistema patriarcal, o pênis; na aflição causada no leitor/personagem; nessa sensação de pavor sentido pelo personagem; nos diversos graus de violência; no retrato sangrento do quarto que ficou com a “parede e a cômoda respingadas de vermelho”; na extrema fúria da protagonista.

Pela observação dos aspectos analisados, constatamos que o insólito nesse conto ocupou um lugar de ruptura em que a autora pode usar a literatura para tratar de questões tão delicadas como as violências patriarcal e doméstica que

extinguem a liberdade e a vida de inúmeras mulheres. Essas provocações foram feitas por meio da subversão de protagonismos, esperando como resultado que o leitor observe tais problemas sociais e reflita sobre eles.

Análise do conto “Aos pedaços”

“Aos pedaços” é o conto responsável por encerrar a antologia, integrando a última parte do livro, que recebe o nome de “Torturas silenciadas”. Nessa narrativa curta e potente, também há o protagonismo feminino permeado pela questão da vingança; porém, dessa vez, o responsável pelas atrocidades é o marido da protagonista. O conto é narrado de forma onisciente, entretanto percebemos uma aproximação do narrador com Sandra, a personagem principal. Além dela, somos contemplados pela presença de George, o marido, e dona Ana, a enfermeira. A história se passa numa casa de fazenda isolada, localizada no interior do estado, e o tempo da narrativa é alternado entre presente e passado, fazendo com que o leitor descubra lentamente as motivações de George para cometer as ações sanguinolentas que serão descritas no decorrer da análise.

Ao contrário do conto “Se você não for, será pior”, aqui o horror e o insólito já são instaurados desde o início. Sandra desperta e percebe que está presa em uma maca e que seus braços estão decepados no chão, em meio a muito sangue: “Sandra se debate na cama quando percebe, jogados no chão, seus *braços decepados*. No dedo anelar da *mão esbranquiçada*, brilha a aliança de ouro grossa que usa desde o casamento” (Foss, 2021, p. 84, grifos nossos). Ela grita, desesperada, pelo marido, mas só o que consegue escutar são suas lágrimas pingando, assim como o medicamento intravenoso ligado a ela.

A partir desse ponto, a história retorna para o passado do casal, e podemos perceber que eles estavam passando por uma crise, pois Sandra queria o divórcio para se sentir livre das amarras do casamento, enquanto George a acusava de ter um amante:

– Eu apenas quero ficar sem você. Ser eu mesma. Quero poder pensar e fazer o que manda minha consciência, sem recriminações ou reprimendas. [...] Homens só servem para controlar, dizer à mulher o que ela tem que fazer, o que ela tem que vestir, como se fôssemos incapazes de decidir sozinhas cada pequeno movimento. Eu quero ser livre (Foss, 2021, p. 86).

Voltando ao presente, a protagonista tenta reaprender a andar mesmo sem os braços. Em um momento de ausência do marido, Sandra tenta dirigir o carro para fugir, mas George a alcança e a leva de volta para a casa. A esposa, então, acorda novamente na maca, sentindo cheiros fortes de éter e começa a chorar com medo do que o marido teria feito dessa vez: “Sem acreditar, vê no chão uma das suas pernas, quase inteira, *cortada na altura do fêmur*, e a outra dividida em *dois pedaços*. O tronco, que é o que restou de seu corpo, sacode todo em pranto” (Foss, 2021, p. 87, grifos nossos).

Em mais um retorno ao passado, George se mostra um marido extremamente controlador e machista, pois não aceita que sua esposa use um vestido curto e justo para sair, além de fazer com que ela se sinta mal por não o acompanhar em atividades de lazer que só interessam a ele: “– Que roupa é essa? Onde você pensa que vai? [...] Isso não é roupa para mulher de cinquenta anos, casada. Você quer me envergonhar. Você pensa que é novinha? Tem idade pra ser avó. [...] Sai daqui e tira esse vestido de prostituta” (Foss, 2021, p. 87-88). Sandra, no que lhe concerne, tem diversos devaneios ao imaginar que um dia conseguiria se divorciar de George e ser livre, seguir a carreira de artista e pintar diversos quadros.

Na parte final do conto, Sandra acorda novamente no quarto escuro e sombrio, cercada de seu marido e de uma mulher vestida de branco, a enfermeira dona Ana. George se dirige à enfermeira dizendo que sua esposa sofre de um caso sério de diabete e, por ser médico, foi o responsável por amputar os membros a fim de controlar a doença. O marido ainda afirma que ela não viverá muito tempo nessas condições e, por isso, precisará de cuidados intensivos. Agora, Sandra tenta se comunicar a qualquer custo, para dizer que está em perigo, mas de sua boca saem apenas alguns grunhidos ininteligíveis:

Agita-se sem entender o que ocorre, enquanto George e a enfermeira saem. Na porta George se volta e, com um sorriso no rosto, põe a mão no bolso, de onde retira um pequeno pacote envolto em gaze. Desenrola devagar, enquanto observa a agitação de Sandra na cama, agora sem amarras (Foss, 2021, p. 90).

Considerando esse breve resumo do conto, com alguns trechos destacados, percebemos que a autora insere diversos elementos do horror aliados à violência extrema, como mutilações, membros decepados/cortados, a presença de muito sangue e o desespero da protagonista em perceber que está sendo silenciada gradualmente, isto é, privada de sua liberdade. Ademais, notamos

que, além do horror, o insólito também se faz presente, pois os acontecimentos narrados são tão absurdos e, em simultâneo, próximos à nossa realidade que causam no leitor sensações de aversão, incômodo, inquietação e desconforto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos contos analisados de Foss, a representação feminina se fez presente de forma relevante. É óbvio que, pelo que foi dito até o momento, as duas histórias analisadas indicam os efeitos do sistema patriarcal sobre o corpo feminino. Esses efeitos foram representados de formas distintas, seguindo veredas diferentes.

Um caminho dessa representação leva a figura feminina para um lugar de justiceira, que faz justiça com as próprias mãos. No conto “Se você não for, será pior”, Sinara representa a figura feminina como aquela que se vinga, e, já no próprio título do conto, temos a ideia de uma ameaça de possível vingança. Nesse conto e em “Aos pedaços”, a autora usa a banalização da violência e os outros elementos do horror como ferramenta na denúncia da violência contra mulher. No primeiro, a mulher sofre violências psicológicas e de gênero. No segundo, sofre violências psicológicas, físicas, de gênero e domésticas.

Apesar de o segundo conto não se encontrar na primeira parte da divisão temática feita pela autora no livro *Plural de fêmeas*, que trata diretamente da vingança, ele também versa sobre vingança, mas o percurso é diferente. Na primeira narrativa, Sinara representa a figura feminina como a personagem que se vinga do marido e metafóricamente do sistema patriarcal, pelos longos anos de vigência patriarcal na qual as mulheres foram e são alvos de suas inúmeras violências. Na segunda, é o homem quem se vinga, objetificando a mulher e cerceando sua liberdade em diversas esferas da vida por acreditar que seria trocado por outro homem.

Como vimos, a violência está associada ao horror. E, nesse sentido, ela não poderia ficar de fora dos pontos aqui destacados, uma vez que os personagens recorreram à violência para que pudessem consumir suas vinganças. A violência, nos dois casos, se deu contra o corpo do outro. Na primeira narrativa, houve um prazer feminino em provocar dor no personagem masculino, dado o sofrimento da esposa desde o início do casamento, que fora submetida a outros tipos de violência, já mencionados anteriormente. Porém, na segunda narrativa,

a violência se deu no corpo feminino, recorrendo ao personagem masculino. A diferença fica estabelecida no fato de que em uma narrativa é o homem que tem seu membro “sagrado” mutilado, ficando a sugestão que a mutilação do órgão genital masculino tenha o poder de silenciá-lo. E na outra, a figura feminina é quem foi completamente desmembrada e mutilada, até ser silenciada.

Assim como em “Se você não for, será pior”, “Aos pedaços” tem uma motivação que causa o clímax da narrativa, o qual é o desejo de separação da protagonista. Seus maridos não atendem aos seus desejos, e, no primeiro conto, o marido impõe sua vontade sobre a da mulher e continua o relacionamento mesmo com as inúmeras traições. No segundo, por acreditar que a mulher lhe pertencia, o marido a castiga mutilando o corpo dela, fazendo valer a ideia de que, se a mulher não for dele, não será de mais ninguém.

O propósito do nosso trabalho foi analisar e refletir a presença do horror nas narrativas contísticas de Sinara Foss, estabelecendo um certo diálogo temático entre elas. Esperamos ter explorado, de forma geral, os aspectos do horror social em ambas as narrativas, bem como não termos limitado as diversas leituras possíveis dessas narrativas. Nesse sentido, expectamos ter contribuído para os estudos a respeito do horror como vertente insólita, bem como ter aberto caminhos para outras leituras possíveis.

Better alone than in bad company: revenge as a face of horror in short stories “Se você não for, será pior” and “Aos pedaços”, by Sinara Foss

Abstract

This paper analyzes the short stories “Se você não for, será pior” and “Aos pedaços” from the book *Plural de fêmeas*, by Sinara Foss (2021), a contemporary author of fantastic and horror tales. The study focuses on uncanny elements that highlight horror as a form of social denunciation. The author adeptly explores the theme of revenge, incorporating situations of extreme violence that evoke repulsion and distress. The study draws upon theories linking horror to social critique. These narratives emphasize the female protagonism in both society and fiction, both as authors and characters.

Keywords

Narrative storytelling. Social horror. Female protagonism.

REFERÊNCIAS

- ALAZRAKI, J. ¿Qué es lo neofantástico? *In*: ROAS, D. (org.). *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco, Libros, 2001. p. 265-282.
- CARROLL, N. *A filosofia do horror ou paradoxos do coração*. Campinas: Papyrus, 1999.
- FOSS, S. *Plural de fêmeas*. Porto Alegre: Class, 2021.
- FRANÇA, J. O horror do corpo em dois contos de Gastão Cruls. *Gragoatá*, Niterói, v. 23, n. 47, p. 873-887, set. 2018.
- FRANÇA, J.; SILVA, D. A. P. De perseguidas a fatais: personagens femininas, sexo e horror na literatura do medo brasileira. *Revista Opiniões*, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 51-66, maio 2016.
- GARCÍA, F. Insólito ficcional. *In*: REIS, C.; ROAS, D.; FURTADO, F.; GARCÍA, F.; FRANÇA, J. (ed.). *Dicionário digital do insólito ficcional (e-DDIF)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/i/insolito-ficcional/>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- ROAS, D. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Tradução: Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- TERÊNCIO, M. G. *O horror e o outro: um estudo psicanalítico sobre a angústia sob o prisma do Unheimlich freudiano*. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. 3. ed. Tradução: Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2004.